CONFERINDO OS AVANÇOS EM PSICOLOGIA HOSPITALAR

Claire Lazzaretti

A atenção psicológica aos enfermos por muitos anos confundia-se com a atenção religiosa, cujas preces ajudavam a restabelecer a confiança dos pacientes. Entretanto, em 1954, bem antes da regulamentação da profissão de psicólogo que aconteceu em 1962, a Dra. Mathilde Neder foi chamada para atender uma criança que no pós-cirúrgico se atirou do leito e que o psiquiatra considerou que pouco podia fazer com a situação. Com os seus conhecimentos teóricos e adaptando as metodologias, a partir desta situação as crianças passaram a ser escutadas (CFP, 2006). A psicologia entrava no hospital e as instituições hospitalares eram palco de treinamento de muitos jovens profissionais em psicologia clínica (Angelini, 1975). Com a Constituição de 1988, criadora do SUS, além de estabelecer o direito universal e igualitário de todos os indivíduos de usufruírem o direito à saúde, também amplia o conceito de saúde quando coloca como uma de suas diretrizes o atendimento integral paciente. Ou seja, a saúde deixa de ser restrita ao modelo biomédico e passa a ser conceitualizada como biopsicossocial, no qual o psicólogo esta incluído já na definição. Na área hospitalar, este princípio de integralidade, reflete as diversas portarias do Ministério da Saúde que estabelece a participação do psicólogo em equipes multidisciplinares em alguns serviços de alta complexidade. O trabalho do psicólogo no hospital além da consolidação de um novo campo de atuação da clínica psicológica, atendendo a demanda institucional estabelece contornos de uma prática especifica no ambiente hospitalar e em 2000 é reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia como uma especialidade: Psicologia Hospitalar. Assim, da psicologia clinica, perpassando pela psicologia da saúde, a psicologia hospitalar em consonância com o rápido desenvolvimento da ciência médica é chamada a se posicionar com novas pesquisas e produções cientificas sobre a sua tarefa primeira em um hospital: a avaliação e assistência psicológica. A visão de homem que sofre interferências em todas as dimensões de sua vida nos possibilita pensar que independentemente da orientação teórico-clínica dos próprios psicólogos e das diferentes especialidades médicas onde os psicólogos se inserem, a psicologia na sua especialidade clínica que é a atenção à subjetividade e os aspectos psicológicos se faz necessária, pois cada indivíduo tem uma particular maneira de lidar com a experiência de estar com uma doença, vai depender de suas características de personalidade, de sua capacidade de tolerar frustrações e de sua posição subjetiva na vida, nas relações com as

pessoas e também com a equipe médica. No hospital, os motivos das solicitações ao atendimento psicológico são várias, mas de maneira geral, o psicólogo é chamado para avaliar as condições psicológicas do paciente, pode ainda ser demandado para atendimento àqueles pacientes que se recusam a seguir as orientações medicas, consequentemente não alcançando a recuperação esperada pelos profissionais da equipe. Para suporte emocional quando o paciente recebe o diagnóstico de uma doença grave ou quando o prognóstico clínico não é favorável e presumidamente já se sabe que poderão acontecer complicações ou uma evolução ruim. O psicólogo pode ainda, auxiliar a equipe medica no diagnóstico diferencial a partir de um parecer psicológico. Em alguns serviços os atendimentos fazem parte de um protocolo especifico da psicologia, mas cabe aqui chamar atenção para o risco de se negligenciar modelos psicológicos, privilegiando o modelo médico, tentar adequar o paciente às exigências da instituição, ser especialista em determinada doença ou mesmo abrir mão do que foi a primeira experiência de um psicólogo no hospital: “dar voz aos os pacientes”, independente de seus diagnósticos, para que cada um deles possa falar da sua vivência, que é particular, enquanto indivíduo portador de uma doença, que se inscreve em seu corpo e no curso de sua história subjetiva.